

# DOIS POETAS

—por dr. António G. Matoso

Vindos da névoa da distância, e como que repetidos pela voz do sino, na claridade indecisa da manhã, acor-



Dr. José Simões Dias

daram na minha lembrança, misturados à saborosa aragem da nossa terra, estes versos singelos:

*Eu tinha um berço de rosas  
Que minha mãe embalava;  
Rouxinóis ao desafio  
Cantavam quando eu chorava!*

Era a voz do poeta José Simões Dias que, há precisamente 115 anos —fá-los hoje— despertava para a vida e para a glória na sorridente Benfeita, erguida à sombra desses «montes que verdejam matizados de açucenas», como ele os via, de olhos saudosos.

Outros poetas do seu tempo tiveram certamente a acompanhar-lhes a existência triunfos mais pomposos e aclamações mais vibrantes, graças ao tumultuoso crepitar do seu estro arrebatado. Simões Dias contentou-se com o silêncio modesto do lar e o som da própria voz, correndo, melodiosa e serena, como a «fresca ribeira» da sua terra. Não o entusiasmaram as ruidosas manifestações exteriores nem o cortejo das rimas sonoras, vibrando

como clarins em tardes de batalha. Simples «rouxinol na copa da romanzeira», limitou-se a trinar com igual naturalidade, embora, por vezes, os seus gorjeios atinjam uma acuidade dolorosa, que faz estremecer as fibras mais sensíveis de quem escuta. Mas, passado o momentâneo arrebatemento, logo volta ao sorridente encanto das coisas simples, ao manso desfiar das «recordações de criança», das «noites de poesia», dos instantes de «amor», de «ventura» e de «esperança», ligados por um ameno fio de «saudades» que os aquece e ilumina.

Não são os temas filosóficos ou sociais que inspiram a sua arte. Menos ambiciosa e complicada, a alma do poeta compraz-se na contemplação amorosa da natureza envolvente, cuja vida sente bater, ao ritmo do próprio sangue, na fraterna comunhão com as coisas e as almas brancas como a sua. Passam, então, numa cadência embaladora que se não esquece, todos os temas familiares da nossa terra, num deslizar de estrofes que, desfiadas pela sua boca, se ameiçam e amaciam, como veio de água pura correndo entre seixos ribeirinhos:— os «domingos de folgança»; as «fogueiras» e «danças ao pé da ermida»; as «lavadeiras a cantar ao desafio»; as «noites de luar»; as «tardes no



Mário Simões Dias

rio» e as moças «que vão buscar a bilha cheia»; o «manjerico», a «roca», a «fita do pescoço», a «cruzinha de

(Continua na 6.ª página)



# DOIS POETAS

(Continuado da 1.ª página)

oiro», o «canário», a «castavizinha», a «costureira»... tantas, tantas imagens, que os nossos olhos estão habituados a contemplar, mas a que só ele soube descobrir o encanto que encerram. Para remate do feixe campezinho, sobressai «O teu lenço», maravilha de ternura afectiva e simples, que toda a gente repete, depois de a haver saboreado:

*O lenço que tu me deste  
Trago-o sempre no meu seio  
Com medo que desconfiem  
Donde este lenço me veio.*

Foi relativamente curta a vida de Simões Dias, o mais doce poeta da nossa terra, o que melhor a compreendeu e interpretou. Felizmente, o seu talento artístico não morreu com ele. Transmitiu-se ao seu neto, Mário Simões Dias, que continua, com mãos amorosas, a tecer o fio de oiro legado pelo avô.

A obra de Mário Simões Dias já não é uma simples promessa. É uma realidade visível, cuja beleza encantaria o velho poeta, se a pudesse apreciar. Para comprovar esta verdade, seja-me permitido apenas lembrar o seu formosíssimo «Cântico das Urzes», que assim começa:

*Lidando, lidando,  
Sob a alegria de uma luz doirada,  
Vai o moço padejando,  
Sem canseira,  
O milho loiro que ficou na eira  
Depois da malha acabada.*

Revivem no neto, também músico de fina sensibilidade, os ritmos que ecoaram na alma do avô, as imagens que povoaram o seu espírito, os motivos que encantaram e seduziram o seu cinzel de artista. Não se extinguiu, com o rodar dos anos, o verbo cristalino de Simões Dias. Enriquecido de novos labores, de novos perfumes, de novas claridades, continua a vibrar, límpido, fresco, puríssimo, na voz do sangue que transmitiu ao seu talentoso descendente.

ANTÓNIO G. MATOSO.